

701060

Biblioteca - Unemat - PLA



00014267

BIBLIOTECA  
UNEMAT OL

Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT

RG N.º 14267

Data 14 / 06 / 2010

( ) Compra (X) Doação ( ) Permuta

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA  
DEPARTAMENTO DE LETRAS

SILVANA PAULO SOCORRO MARTINS

À SOMBRA DA SOCIEDADE: AUGUSTO DOS ANJOS IRONIZA A EXISTENCIA  
HUMANA

PONTES E LACERDA - MT  
2007

82-1  
M379  
ex.01

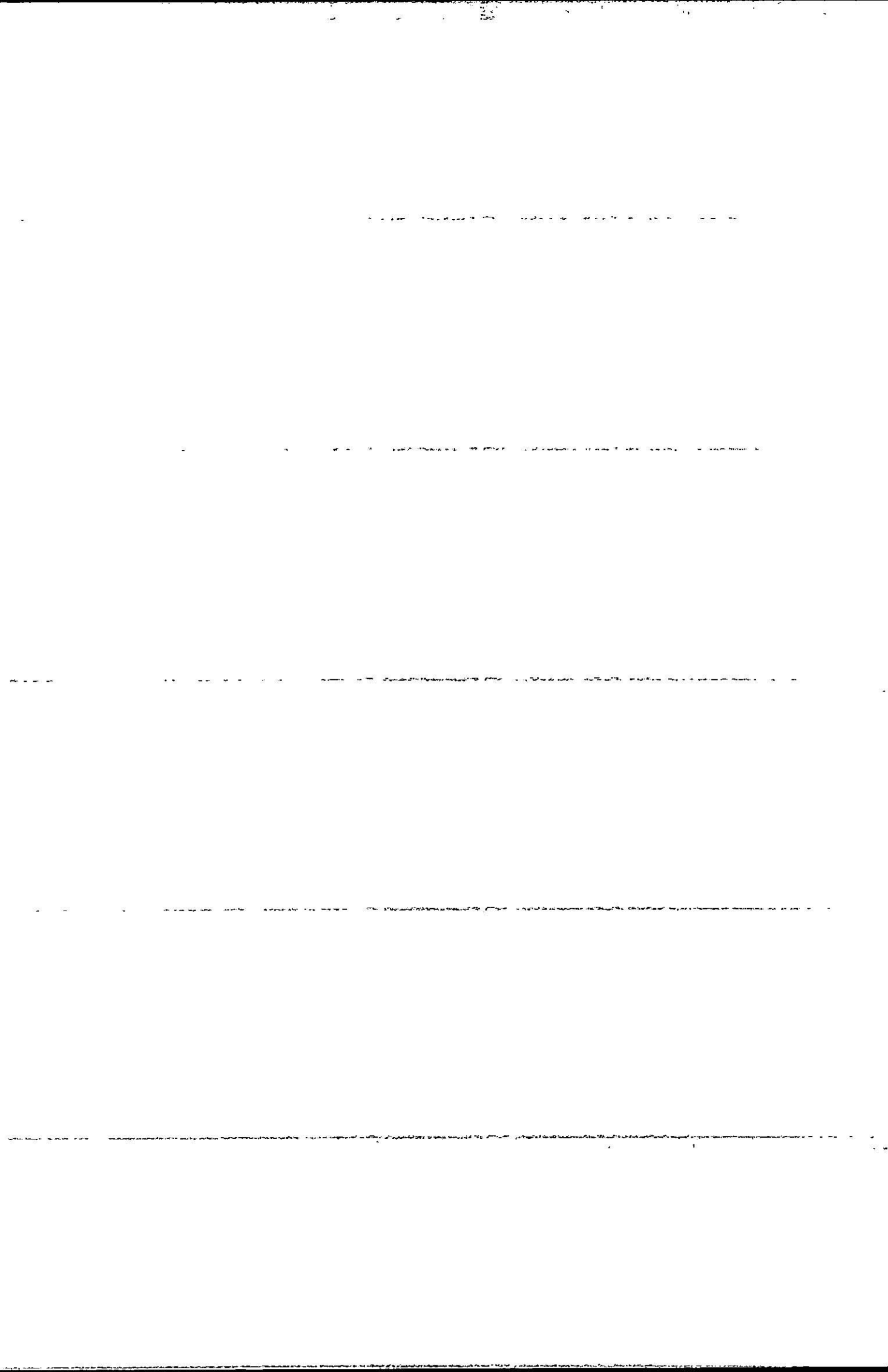
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA  
DEPARTAMENTO DE LETRAS

SILVANA PAULO SOCORRO MARTINS

À SOMBRA DA SOCIEDADE: AUGUSTO DOS ANJOS IRONIZA A EXISTENCIA  
HUMANA

Monografia a ser apresentada como  
requisito parcial para obtenção do título de  
especialista em Língua Portuguesa e  
literatura sob orientação da professora  
Vanessa Fabíola S. Faria.

Pontes e Lacerda - MT  
2007



Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

\_\_\_\_\_  
Prof<sup>ª</sup>. Vanessa Fabíola S. Faria (Orientadora)

\_\_\_\_\_  
Prof<sup>ª</sup> Elizângela Patrícia

\_\_\_\_\_  
Prof<sup>ª</sup> Ana Maria Macedo

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, depois a minha querida mãe que sempre acreditou em mim e no meu potencial de ser humano. A meus filhos Tiago e Beatriz que apesar da ausência souberam entender o porque de tantas idas e voltas. Ao meu esposo pela compreensão e carinho, com muita paciência por eu estar distante, mas que foi de extrema importância nesta trajetória. Também a professora Vanessa Fabíola, uma pessoa muito simpática que me recebeu e teve muita paciência para orientar este trabalho

*Oh! Trabalho sagrado dos poetas!  
Tu arrancas todas as coisas ao  
destino, tu das imortalidades aos  
povos mortais.*

Lucano.

## RESUMO

Neste trabalho monográfico retrata o estilo inconfundível de um poeta inovador para o seu tempo que foi Augusto dos Anjos. Nele retrataremos as influencias cientificista-filosóficas que permeiam a vida e a obra deste poeta paraibano. O período que compreende o momento literário de Augusto dos Anjos é o pré-modernismo ou período de transição como alguns críticos literários preferem dizer. Nesta época surge no esquecido nordeste um escritor que mudaria os rumos da arte literária do país. Com uma maneira muito peculiar ele escreve poesias que chocam o leitor ou provocam risos e vaias. O estilo inconfundível vai aos poucos conquistando o leitor que diante das frustrações e o medo característico finissecular começa a tomar gosto pelo novo estilo. É importante salientar que a obra é muito complexa e densa apesar de ser apenas um único livro - Eu e outras poesias. Mas que se torna uma viagem ao mundo interior que nós pouco costumamos fazer e que vale a pena começar esta viagem.

**Palavras-chaves-** poesia, pessimismo, angústia, dor e sombra.

## SUMÁRIO

|                                                         |           |
|---------------------------------------------------------|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO</b>                                       | <b>9</b>  |
| <b>1 BREVE HISTÓRICO DO PERÍODO DE TRANSIÇÃO</b>        | <b>11</b> |
| <i>1.1 Rupturas com a velha arte e o árduo começo</i>   | <b>12</b> |
| <i>1.2 Da sociedade burguesa aos deserdados e feios</i> | <b>14</b> |
| <i>1.3 A consciência inconsciente</i>                   | <b>17</b> |
| <b>2 O AUTOR</b>                                        | <b>19</b> |
| <b>3 À SOMBRA DA SOCIEDADE: AUGUSTO DOS ANJOS</b>       |           |
| <b>IRONIZA A EXISTÊNCIA HUMANA</b>                      | <b>24</b> |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>                             | <b>31</b> |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>                       | <b>32</b> |

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho será constituído de pesquisa bibliográfica a respeito do estilo de escrever de um poeta único no Brasil - Augusto dos Anjos, cujo mérito está um pouco esquecido e quase não se tem encontrado muito sobre ele em livros didáticos ou mesmos como pré-requisito para vestibulares. É uma pena, pois seu trabalho é de uma admirável importância porque nos impressiona tanto seu conhecimento filosófico como seu esmero em escrever com tanta elegância.

Foi através de leituras que chegamos até este grande poeta e temos nos esforçado para alcançar o mínimo de compreensão do que foi seu legado de rompimento com o que chamamos de época clássica para criar uma nova poesia, feita para "chocar e vomitar" esses conceitos burgueses de que quem não estiver dentro de suas normas está à margem de tudo.

Augusto dos Anjos inscreve uma nova era na poesia brasileira, alguns teóricos afirmam que ele sofreu influências Baudelairianas, mas acreditamos que ele apenas colocava em suas poesias os momentos que ele próprio vivia, as crises familiares, a queda da monarquia, o pessimismo característico de fim de século.

Com um jeito todo particular Augusto dos Anjos vai incorporar em suas criações poéticas toda a angústia por ele sofrida, retirar dos escombros da burguesia o "podre", "o mal cheiroso", "as excreções e secreções" para compor em sonetos, sextilhas e outros tipos de composições muito bem estruturadas e com rimas impecáveis, para nos mostrar que para poesia tudo é aproveitado.

Como forma de protesto ele não se filia a nenhuma escola literária de sua época, como sabemos o Simbolismo e Parnasianismo. Embora podemos ver traços muito claros destas escolas em seus feitos poéticos.

A parte essencial está na forma como ele através das sombras trazia luz para novos tempos. Este novo estilo que estava dando o ar de sua graça ainda iria ter que esperar algumas décadas para começar de fato expor o que significava romper com os modelos clássicos para construir uma nova forma de fazer poesia.

Esta nova visão deixava os leitores acostumados com a leitura de deleite dos tempos românticos com ascas e até como uma certa ironia, escreviam críticas colocando Augusto dos Anjos como "Poeta Raquítico" ou até mesmo como o "Poeta do Mau gosto".

Embora todas as críticas a respeito de Augusto dos Anjos fossem colocadas com ironia, sua obra nos deixou um legado muito grande de conhecimento sobre filosofia influenciado pelo pessimismo Schopenhaueriano, embora Nietzsche fosse seu contemporâneo e, Augusto dos Anjos nada soubesse de sua existência ele apresentava marcas de seu ceticismo. Na parte artística fica a comparação com o Expressionismo Alemão.

## 1 BREVE HISTÓRICO DO PERÍODO DE TRANSIÇÃO

O que se ousou chamar Pré- Modernismo no Brasil, não constitui uma escola literária, ou seja, é um período onde um grupo de escritores teve em si um mesmo ideário, o estudo das transformações sociais do final do Séc. XIX. Estes autores, embora não sendo modernos propriamente dito, tinham visões que promoveram rupturas com o passado, pois apresentaram uma nova interpretação da realidade brasileira. E também, por seu valor estilístico.

Enquanto a Europa se preparava para a Primeira Guerra Mundial, o Brasil começava a viver, a partir de 1894, um novo período de sua história republicana: com a posse de Prudente de Moraes, primeiro presidente civil do país. Por isso, houve nesse período, várias agitações sociais. Do abandonado nordeste partiram os primeiros gritos de protestos: no final do Séc. XIX, a Revolta de Canudos, o sertão nordestino também viveu tempos do cangaço, com o lendário Lampião. Em outras regiões do Brasil, como Rio de Janeiro e São Paulo também houve vários conflitos. Essas agitações eram sintomas da crise da República Café-com-leite, e que se tornaria mais evidente na década de 1920, servindo de cenário ideal para a Semana de Arte Moderna.

Pois bem, diante de todos esses emaranhados de acontecimentos no país, este período ficou marcado pelos ideais de rupturas que foram alavancadas pelos escritores contemporâneos a esta época. Estas rupturas eram caracterizadas por palavras "não-poéticas" (como cuspe, vômitos, escarro, vermes), era uma afronta à poesia Parnasiana ainda em vigor.

Portanto, esta época cheia de novas idéias e de momentos tão decisivos para a Nova Arte ficou assim definida como período de transição literária ou Pré-Modernismo.

### ***1.1 Rupturas com a velha arte e o árduo começo***

Durante o período de transição houve momentos de dor, pois estavam sendo abafados séculos da cultura clássica para construir uma nova forma de expressar a arte através de textos que chocavam o leitor menos preparado para tal mudança.

Este processo foi muito penoso porque o escritor era mal interpretado como foi o caso do paraibano Augusto dos Anjos que através de suas poesias colocava o asco, a angústia, as excreções e secreções como parte de sua arte. Conhecido pelo seu "mau gosto" Augusto dos Anjos não foi apenas um simples escritor e levou para a literatura os gritos de sua dor.

Como sabemos, ele era de família abastada, dona de engenhos no nordeste paraibano, com a queda da Monarquia e o fim do regime escravo começa o início da decadência dos engenhos. Sua família perde as posses e passam a viver na cidade. Em 1900 entra para o Liceu Paraibano permanecendo lá até 1903 quando se muda para o Recife e ingressa na Faculdade de Direito do Recife, onde começará ter contato com as novas doutrinas filosóficas que nortearão seus poemas. Ele assume uma postura de derrotado ao escrever poemas que tanto exaltam o pessimismo e a dor, mas que conduz à profunda reflexão de estar no mundo.

Augusto dos Anjos situa-se na poesia brasileira entre o Parnasianismo e o Simbolismo, as duas tendências da época e que contribuíram para sua formação. Todavia a elas não se filia totalmente, uma vez que sua postura poética está além dos estilos estéticos vigentes. Um escritor ímpar que colocou em sua obra toda a repugnância humana, tornando-se popularmente conhecido como o poeta do "Mau Gosto".

Uma das características marcantes deste autor foi trazer para a literatura coisas e objetos que para a sociedade não eram valorizados. Exalta a decomposição e a morte e também colocou termos de cientificismo como carbono, amoníaco, atômicos, substâncias, etc. O mais interessante é que através de uma linguagem elaborada "cientificista-naturalista", ao lado de uma vulgaridade incrível, Augusto atingiu uma relativa e inesperada popularidade. E o que mais o aproximou das massas foi exatamente o seu pessimismo, sua angústia em face de seus problemas e distúrbios pessoais, bem como as incertezas do novo século que despontava, trazendo consigo a ameaça de uma Guerra Mundial.

Sua obra apresenta ainda traços do Expressionismo Alemão. Este, nos processos literários foi uma radicalização dos movimentos idealistas contrários ao naturalismo, do qual, contudo, adota predileção pelo feio e repugnante, passa dialeticamente a uma nova qualidade, em virtude de necessidades expressivas diversas. Os expressionistas já não se entregam passivamente a "impressões", mas projetam e propõem e nisso assemelham-se com os simbolistas, visões íntimas, muitas vezes oníricas e distorcidas, como realidade essencial, de veracidade superior e mais profunda que a do realismo e naturalismo. Na destruição da sintaxe convencional, na linguagem alógica, no estilo que pode ir da concentração telegráfica até o balbuciar dadaísta ou ao hino largo e extático, tornando-se "*chama, sede e grito*". O que podemos observar neste estilo é que o Expressionismo exprime a revolta e a patética afirmação de novos valores que lançam a juventude contra os pais e contra os pais e contra as formas políticas estabelecida. Da revolta contra os valores superados e da afirmação de novos valores - seu vacilar entre um pessimismo niilista, revolve visões apocalípticas, e, de outro lado, um otimismo utópico, que, depõe toda a esperança no nascimento do "homem novo". O Expressionismo é transposto para sua poesia de uma forma tão marcante, que está presente em toda sua obra.

O Expressionismo mostra as frustrações de alguma ação que acontece, mas não se realiza na sua plenitude, isto é, há uma ruptura com o desfecho, trazendo a luz o sofrimento em vez do triunfo humano. Para o expressionista o lema era chocar o burguês, tudo que cheirasse a boniteza, polimento deveria ser suprimido dando lugar ao feio, o repugnante, oscilando entre o cadavérico e o fantasmagórico.

Na poesia, os representantes característicos das visões apocalípticas, marcados por Hölderlin, Baudelaire e Rimbaud. Cores violentas, puro Van Gogh, deformações grotescas, imagens hiperbólicas de furiosa intensidade, convocam na sua poesia escura a presença selvagem da guerra e da catástrofe pressentidas, da putrefação, de gigantesca metrópoles, condenadas ao ocaso. A destruição da sintaxe chega a extremos - antecipando o dadaísmo e a poesia concreta. A revolta contra a burguesia e escárnio do desmascaramento caricatural, uma linguagem fria, concisa, que omite o artigo e funciona como espelho que deforma a realidade

### ***1.2 Da sociedade burguesa aos deserdados e feios.***

Neste subitem será retratado o que gerou todo esse conflito nos termos mais abrangentes que é a sociedade burguesa toda moldada e organizada sob forma de redoma que protege aos seus e repele os menos favorecidos.

O capitalismo trouxe à luz da humanidade um paradoxo de situações que muito se tem discutido entre os estudiosos e filósofos, isto é, de um lado uma sociedade que manipula e ordena e de outro a que obedece e se deixa ser manipulada. O sistema capitalista é demasiadamente díspare, o burguês voluptuoso e cheio de vontades dá as cartas do jogo da vida.

É a partir destas constatações que pensadores, escritores começaram a "remar" num processo lento de busca de uma nova forma de enxergar os mecanismos deste sistema tão inescrupuloso que trata a vida humana como uma peça de engrenagem da grande máquina

capitalista. Estas rupturas com o "belo", o "sagrado", o "cheiroso" é que vai dar novas formas e novos tempos na Literatura que caminha para a Modernidade.

Para tanto temos na Literatura os representantes da quebra com os costumes burgueses entre eles estão Rimbaud, Baudelaire, Mallarmé, Schopenhauer, Nietzsche e o poeta brasileiro Augusto dos Anjos que através do seu mau gosto poético exalta a negação do que é belo e feliz para fazer de sua poesia à sombra de uma sociedade que para ser organizada massacra o flagelado e tortura o menos favorecido com trabalho sem remuneração digna e sem reconhecimento verdadeiro.

Na verdade, o que observamos na burguesia é que ela é hipócrita, cria um ideal de vida que vive de aparências onde na realidade somos bombardeados de cenas cruéis nos recônditos da sociedade.

Outro processo que o capitalismo instaurou foi a democracia, que embora pareça ser algo bom e organizado nos deixa um legado de que o povo é quem escolhe através de seu voto um governo digno e capaz de trazer a paz. Mas segundo Nietzsche : *A democracia é uma forma histórica de decadência do Estado*. Entendendo o que ele quer dizer é *que decadência é tudo aquilo que escraviza o pensamento, sobretudo um Estado que pensa em si em lugar de pensar na cultura*. Para ele o Estado, está sempre interessado na formação do cidadão obediente, impedindo o desenvolvimento da cultura.

Como podemos averiguar, a burguesia através de sua sociedade organizada faz com os cidadãos tenham a impressão de serem livres, embora essa liberdade não lhes dê direitos de terem pensamentos livres. O próprio Nietzsche coloca em sua obra de como somos massacrados por esse ideário de que o bom é ser submisso aos desígnios da ordem e quem não se encaixa a este sistema é mau.

Para a burguesia tudo aquilo que se opõe a ela é constituído do mal. Quando Charles Baudelaire escreve seus poemas sob o título de "As flores do mal" ele coloca nele toda crítica à sociedade burguesa, que a queda desta organização desordenada, para tanto faz duras críticas ao sistema burguês, como podemos observar no seu poema intitulado "Caim e Abel", onde coloca a classe dominante como Abel e a dominada como Caim que derruba o deus-burguês para assim viver a paz.

Esta derrocada almejada pelas vanguardas que surgiram nesta época traz à luz os novos conceitos na construção de um fazer literário que busque contrariar o estilo clássico para construir um novo. É desta maneira que o poeta causa uma certa repugnância no leitor ao exaltar a angústia, a dor, a morte e a decomposição, ou seja, tudo que é abominado pela burguesia se torna motivo de exaltação para estes escritores. O feio que causa espanto quando observado é a base desta nova forma de fazer poesia. Nela o que é repreendido passa a ser exaltado. O "Spleen" da vida é visto como forma de mascarar a angústia de viver os conflitos da fastidiosa vida. Um eterno ir e vir sem que haja uma solução ou um novo caminho e para quebrar o círculo da vida a morte aparece como sendo a única saída.

Apesar de a morte fazer parte do processo cíclico da vida ela é vista como muito distante de nós seres vivos. Só nos damos conta desse processo quando nos deparamos com situações que nos levam a refletir sobre ela. Para nós ela é o princípio do fim. Mas para Schopenhauer a morte é parte de um todo e permanece na natureza, pois a morte não é o fim e sim uma continuidade de vida para outros tipos de vida como as bactérias, os micróbios e os vermes.

Dessa maneira, sabemos que este processo de constituição da obra literária será constituído ao longo do século XX com o Modernismo que, através de suas críticas ao sistema burguês começa um longo caminho de volta à poesia clássica, porém com um estilo mais

aprimorado, sem exaltações a heróis ou amores não correspondidos, mas uma poesia consciente voltada para o prazer reelaborado, "um prazer estético inteligente" (Ortega), pois deve ser causado e visto por quem o lê.

### ***1.3 A consciência inconsciente***

*O homem, somente o homem, leva consigo a convicção abstrata da própria morte: mas coisa estranha! Tal convicção não o inquieta senão a intervalos, quando alguma circunstância lhe evoca a mente - [SCHOPENHAUER, 1963 p..35]*

Diante de sua prematuridade sobre a morte Augusto dos Anjos coloca para fora de seu inconsciente a sua consciência de morte que vem a ser o tema predileto de seus poemas. O pessimismo o leva a ter estranhos comportamentos, sendo uma pessoa de poucos relacionamentos, embora seja um homem muito ligado à família, não demonstra simpatia com estranhos.

Esta sua maneira de ver o mundo o torna longe de ser uma pessoa popular. Possui atitudes ríspidas e não sente necessidade de conviver em grupos de amigos. Tais atitudes acabam por levá-lo à morte tão precocemente.

Embora todas as tentativas de viver de sua poesia sejam frustradas, Augusto dos Anjos não deixa de escrevê-las com muita dedicação, colocando em sua poesia todas as angústias que carrega pela decepção de não ser reconhecido como quem está representando os escombros da sociedade industrial que evolui, mas não leva consigo os homens que, atônitos ainda não metabolizaram essas evoluções e por isso mesmo, estão perdidos buscando se conscientizar do que está à sua volta, mesmo que momentaneamente não tenham a mínima certeza do que vem a ser toda essa evolução.

Percebemos que esse período do final do século XIX pegou todos desprevenidos, pois eles não estavam preparados para administrar tais mudanças. Os homens não haviam assimilado

esta chuva de informações. Por mais que os intelectuais colocassem em seus relatos todas as mudanças, ainda assim eram incompreendidos. Pois o que estavam escrevendo em suas obras não causava prazer, mas sim dor que é repudiada pelo homem, e este, mesmo tendo "consciência" de que viver consiste em nascer e morrer, ainda assim não quer assumir e aceitar tal fato.

Schopenhauer diz que nenhum homem possui a convicção real e viva de que tem de morrer. Isso justifica a ligação dos produtos culturais, como a pintura, a poesia e as incertezas e angústias que afloraram com o sentimento finissecular. E, vemos isto nas Vanguardas Européias e no Pré-Modernismo brasileiro, momentos em que são alavancadas idéias de destruição e frustrações, denúncias e medos são expostos como feridas aos olhos humanos.

## 2 O AUTOR

Augusto dos Anjos é um poeta que viveu em seu tempo sofrendo e respirando as influências ocorridas na época e instaurou a palavra denunciadora do mistério.

Aos vinte dias do mês de abril de um mil oitocentos e oitenta e quatro, no Engenho do Pau D'Arco na Paraíba, nascia Augusto dos Anjos, logo se torna "Angusto", pelo ambiente de decadência que testemunha oito anos após o seu nascimento, os Engenhos do Pau D'Arco e Coité, de propriedade de familiares de sua mãe, são hipotecados. Com o agravamento da situação financeira, Augusto vai mora na cidade.

Além de outros fatores, a queda da Monarquia e o fim do regime escravo provocaram decadência dos engenhos no nordeste. O capitalismo inicia seu curso. E como sempre progresso para uns e miséria para outros.

Convivendo com todos esses problemas, o poeta paraibano transpõe para sua poesia todo pessimismo que conduz à profunda reflexão sobre o estar no mundo. Também coloca termos de cientificismo e matéria em decomposição em textos cuidadosamente estruturados em versos decassílabos e rimas muito bem escolhidas. Entretanto o que mais chama atenção é o fato de não se filiar a nenhuma escola literária, quer seja no Parnasianismo ou no Simbolismo, embora se observam nas produções poéticas, traços marcantes dessas duas escolas.

Como afirma Bosi (1973):

*Mas a postura existencial do poeta lembra o inverso do cientismo: Uma angústia funda, letal, ante a fatalidade que arrasta toda carne para a decomposição. E já não será lícito falar em Spencer e Haeckel para definir a sua cosmovisão, no alto pessimismo de Schopenhauer, que identifica na vontade de viver a raiz de todas as dores. [BOSI, p. 324-325]*

Para Augusto dos Anjos o desfecho do homem é o mal e o nada, através de uma destruição implacável, a morte. A capacidade de expressão de Augusto dos Anjos que, às vezes, tende para o trágico em vão, traduz em quartetos e versos decassílabos musicalmente cadenciados com rimas e palavras raras porque não dizer esdrúxulas que causam um impacto de asco e ao mesmo tempo uma certa volúpia, pois apesar de a morte nos estarrecer ela pode nos causar alguma curiosidade, principalmente na adolescência, quando nos achamos conhecedores da verdade.

Finalmente observamos a sutileza de sua obra que para tanto nos mostra um fascínio sobre o que está no centro de todo sentimento humano - a dor - que o poeta paraibano aponta como sendo a causa de toda a busca pelo fim. Ainda adolescente, ele impressionava pela magreza e o aspecto doentio, talvez por isto ficou conhecido na época que cursava a Faculdade do Recife como "Poeta Raquítico". Houve até um momento que ele foi duramente criticado por um professor de primeiras letras pelos poemas publicados n'O Comércio, deu-se ao trabalho de publicar uma "carta aberta", cheia de ofensas, atacando rudemente o "Poeta Raquítico". Porém, Augusto dos Anjos, num ato de repulsa e resposta a estas críticas escreve um "Bilhete Postal" onde retratará e destratará o seu crítico com versos alexandrinos e muita rima, veja este fragmento retirado do livro "Eu e outras Poesias", p. 54:

*BILHETE POSTAL*

*Ilustre professor da carta aberta: almejo  
Que uma alimentação a fambre e a vinho e  
que*

*[...]*

*Ricos de incorreções e erros de gramáticas  
Tenha vergonha, esconda esta tendência  
asnática*

*Que somente possui um cérebro obtuso  
Esconda-a, e nunca mais exponha a fazer o  
uso*

*[...]*

*O senhor é palpavo e os palpavos não cabem  
No centro literário e no centro político  
Respeite-me, portanto!  
O Poeta Raquítico*

Homem de poucos amigos, enrustido, abrindo-se só com os íntimos, e com estes, afável e prestativo, sua personalidade, contudo forte, como se apagava diante de estranhos. Emudecia. E, quando falava não exercia aquele fascínio peculiar dos grandes conversadores. Não tinha interesse em agradar as pessoas. Ríspido algumas vezes, distante, vago, suas qualidades eram mais negativas do que positivas para abrir os caminhos da vida.

Dai as dificuldades que não soube remover desde o início, incapaz de encontrar compensações ao mundo desmoronado do Pau D'Arco, a ser por sua poesia. Era na poesia que Augusto explodia em dores e emoções.

*Era diferente, a sinceridade de Augusto dos Anjos, falando de suas taras familiares, com a sem-cerimônia de um menino mal-educado, produzia um impacto desagradável em toda a sociedade intelectual, dominada pelos estilos clássicos. Augusto estava longe de ser o poeta da moda. Nem os poemas do Eu poderiam ser declamados nos salões, sob pena de provocar enjôos, risos e vaias. O poeta era inclassificável. O máximo que poderia receber, como ponto de referência eram adjetivos pouco recomendáveis, como estafúrdio, aberrante, desequilibrado.[SOARES,1997 p. 64]*

Augusto dos Anjos está mais próximo de Schopenhauer e o seu pessimismo do que do evolucionismo de Spencer e Haeckel, como se observaria mais tarde por estudiosos e críticos literários.

Anatol Rosenfeld, o mesmo crítico e professor, apontariam semelhanças entre a temática do Eu e a de poetas representativos do Expressionismo alemão: Gottfried Benn, que em 1912 publica um volume de poesia intitulado Morgue; Georg Heym, que descreve num poema em prosa, "Autópsia", a dissecação de um cadáver, ou ainda George Trakl, em suas visões fantasmagóricas de uma humanidade de "cara quebrada" a caminho da "negra putrefação".

É claro que Augusto dos Anjos nem sequer tomou conhecimento da existência destes poetas, seus contemporâneos, como ele, tocados pelo filosofismo do fim de século, num quadro que não era de certezas, mas também de angústias, matizados pelo anticristianismo de Nietzsche e pelo misticismo pacifista de Tolstói. Além do insigne Hebert Spencer e de Ernest Haeckel, tantas vezes citados, não eram eles as únicas fontes do cientificismo poético de Augusto dos Anjos. A procura da verdade, ou seja, o desmascaramento de uma falsa realidade, aquilo que jaz sob a representação do mundo, esta procura também foi um ideal tolstoiano, levou-o a Schopenhauer e, através do autor às dores do mundo, chegaria ao braamanismo e ao budismo. Todas essas correntes se cruzam no filosofismo do poeta, bem mais complexo do que aparentemente se supõe, mesmo porque ele não renegou de todo o catolicismo.

Embora aceitando os dogmas dos católicos, o seu mundo estaria bem mais próximo de Buda, com a total negação da existência material, a base de uma mortificação moral contínua. O conceito de destino do poeta se confundiria pois, com o significado búdico da própria vida, o qual foi assim definido por seu contemporâneo Orris Soares: *A existência é má porque está inseparável da dor, havendo a permanência do sofrimento*. [Eu e outras poesias, 1997, p.65]

Mundo oscilante entre dois pontos, o budismo e o cristianismo, ainda que difusos e indefinidos, mas no fundo nitidamente Schopenhaueriana. E a sua crença nos signos dos zodíacos não se limitava apenas à área puramente literária.

Observando este sentimento niilista presente na obra de Augusto dos Anjos percebemos uma semelhança de sua declaração com o que disse Nietzsche sobre Deus *como declaração contra a vida, contra a natureza [...] a deificação do nada, à vontade do nada considerando santo*. [NIETZSCHE-Além do Bem e do Mal, p.92-4]

O poeta voava alto. Tinha asas possantes. O homem, porém, frágil e impotente, sem forças para vencer a realidade da vida. Augusto começava e desanimava. Os amores do poeta, a

sua neurose ou as suas doenças de um modo geral, além do pressentimento da morte próxima, constitui ainda enigmas biográficos mais ou menos nebulosos.

O verdadeiro retrato seria um homem comum, porém esse homem era um grande poeta, insatisfeito com a sua arte, não importava com a própria vida, mas fazia dela eixo de sua existência, e que viveu por isso mesmo perplexo e indefeso diante de problemas e dificuldades materiais. A civilização industrial criou essas anormalidades, que a nossa era atômica tem multiplicação em escala geométrica. Ainda que prevaleçam influências hereditárias e pesos familiares não foram de todo esclarecidos e é preciso que se diga: *Ioiô e Sinhá Mocinha* são partes de um mesmo mundo em dissolução no qual o filho foi também personagem.

Aos doze dias do mês de novembro de um mil novecentos e quatorze morre Augusto dos Anjos de uma congestão pulmonar com quase nenhuma repercussão na imprensa do Rio de Janeiro, a não ser pelo artigo de Antônio Torres, recomendando o poeta com entusiasmo. Na Paraíba, como se estivesse a reparar todo mal que fizeram ao filho incompreendido, José Américo de Almeida escreveu o seu *Augusto dos Anjos no trigésimo dia de seu falecimento*, mais tarde estampado no Almanaque do Estado da Paraíba para 1917.

No mais, sabemos que Augusto ainda é um poeta enigmático e pouco explorado por nós literatos e os cientistas é que o estudam como forma de elogiar o seu belo legado de cientificismo deixado para nós pobres mortais.

### 3 AUGUSTO DOS ANJOS À SOMBRA DA SOCIEDADE IRONIZA A EXISTÊNCIA HUMANA

Augusto dos Anjos nunca foi um poeta popular e isso nós sabemos bem, mas o que mais nos intriga é sua aura sombria, sempre à sombra da sociedade que não o compreendia e por isso mesmo não soube valorizar sua obra. Talvez porque ele mesmo nunca tenha se esforçado para ser um poeta que ganhasse elogios sobre sua arte.

O estranhamento causado por sua poesia não trazia deleite estético, embora seus poemas estivessem bem estruturados poeticamente ainda assim causava repulsa em vez de deleite. Em "Monólogo de uma Sombra" Augusto dos Anjos coloca em trinta e uma estrofes e versos decassílabos toda a dor que sente por não haver em sua poesia diálogos apenas monólogos, pois apenas sua voz ecoa entre os escombros sombrios da dor. E começa assim: *Eu sou uma sombra! Venho de outras eras, [...]*

A sutil ironia. Entendemos que, por incrível que possa parecer, a ironia mordaz em relação à miserável condição humana e dos seres em geral, aqui e acolá se insurge mesmo como um escape do rigor do radicalismo de profunda reflexão filosófico-evolucionista que conduz à miserabilidade, à dor e ao sofrimento. Em Augusto dos Anjos o que viceja é a morte. Tudo em sua poesia tem um traço trágico. Sua expressão ampara-se sempre na hipérbole na qual dá a tudo aquela dimensão de exagero. É tudo tão desconcertante e extraordinário que pouco consegue representar num referencial do plano físico. O universo ideal, e real, é o metafísico, que se projeta imaginativamente, ou através de sonhos ou devaneios.

Quanto à rima, Augusto dos Anjos vale-se dos esquemas clássicos do parnasianismo. Em "Monólogo de uma Sombra" na décima quarta estrofe ele brinca com a sonoridade. Vejamos:

*[...] Toma conta do corpo que apodrece...  
E até os membros da família engulham  
Vendo as larvas malignas que se embrulham  
No cadáver malsão, fazendo um s. [...]*

E isso nos parece suficiente para demonstrar seu gosto pelo preciosismo das rimas esdrúxulas. O que nos parece indiscutível é que, para ele, a poesia, uma manifestação artística, tinha mesmo aquela função preconizada por Schopenhauer, ou seja, revelar à humanidade o que há de negativo de sua existência. Para este a dor é o estado natural do homem e o fim da natureza.. Para livrar-se disso dispunha o homem de três possibilidades. Uma delas seria a arte. Através desta, o artista, ao expressar a beleza, desprende-se dos desejos martirizantes da vida. Entretanto, deve-se entender que também neste poeta é perceptível a angústia de perceber o verso incapaz de traduzir a emoção estética que o pensamento quer instaurar.

O paradoxo que entremeia a poesia de Augusto dos Anjos talvez seja mais evidente com a formação consubstanciada pelo Evolucionismo e pela filosofia do negativismo (nihilismo). Do pessimismo Schopenhauereano que radica seus pensamentos e idéias. Toda sua poesia é edificada por essa concepção de mundo e de vida. Então, têm razão alguns críticos em considerá-la uma poesia de linhagem filosófico-cientificista, uma vez que, sua poética se embasa na radical e profunda formação em filósofos como Schopenhauer, Spencer e Haeckel. Essa extravagância aos olhos da tradicional e conservadora literatura de seu tempo seria suficiente para o transformar em um transgressor da mesma.

Mas voltando ao poema escolhido para analisar todo o processo de agonizante monólogo que foi traçado por Augusto dos Anjos em sua curta trajetória literária temos uma mistura de angústia com cientificismo. Veja um trecho retirado da décima primeira estrofe:

*[...] Será calor, causa ubíqua de gozo,  
Raio X, magnetismo misterioso.  
Quimiotaxia, ondulação aérea,  
Fonte de repulsões e de prazeres,  
Sonoridade potencial dos seres,  
Estrangulada dentro da matéria! [...]*

Nesta perspectiva, percebemos que toda a obra de Augusto dos Anjos perpassa a idéia que é inscrita por algumas palavras e expressões cujos temas remetem ou associam a vermes, morte, decomposição, signos que talvez melhor contenham e resumam a angustiante constatação de eu poemático diante da existência. E o ritmo é marcado pelas rimas e estilos herdados do parnasianismo e simbolismo, observe o que Octavio Paz fala a respeito do ritmo em produções literárias:

*O ritmo não é apenas o elemento mais antigo e permanente da linguagem, como também não é difícil que seja anterior a própria fala. Deste modo o ritmo se dá espontaneamente em toda forma verbal, mas só no poema se manifesta plenamente.*  
[PAZ, p.82]

Ivan Cavalcanti Proença, em um ensaio para uma antologia poética de Augustos dos Anjos, organizada e publicada pela Folha de São Paulo (Anjos, 1997) inicia dizendo que, embora elaborasse uma poesia praticamente confeccionada em decassílabos, o poeta não tinha maiores preocupações com a forma, já que sua obsessão centrava-se na angustiante idéia do ser que é nada, que nunca chega a realizar-se, pois que está condenado à fatalidade do nada, que é a morte.

Uma outra constatação feita por Proença diz respeito a metapoesia praticada por Augusto dos Anjos. Segundo ele, o poeta crê na sobrevivência de sua poesia e, mais, a tem como uma espécie de consciência nos homens perante as dores que lhes provoca a existência.

No entanto, veremos que não importa a ele o corpo destruído, nem o verme que o espera a putrefação ou a mosca que se alegra em ver uma carniça. Nada. O que lhe importa é a própria poesia que considera eterna como a alma, como vemos no trecho retirado do poema *Budismo Moderno*:

*[...] Tome doutor, esta tesoura, e... corte  
Minha singularíssima pessoa  
Que importa a mim que a bicharia roa  
Todo meu coração depois da morte?!  
[...]  
Mas o agregado abstrato das saudades  
Fique batendo nas perpétuas grades  
Do último verso que eu fizer no mundo!*

Como podemos ver ele acredita em sua poesia. E crê na angustiosa sobrevivência da alma. Seus versos são as grades que aprisionam a idéia de tudo que traz sentimento de dor e transforma em mensagem o sofrimento do mundo.

É importante salientar que, Augusto dos Anjos não só rompeu com sua época que pertencia aos moldes parnasianos e simbolistas como também desprezou os caminhos do rigor formal. Derrubou os conceitos arraigados em relação ao bom gosto de temas e ideário poéticos. Construindo assim o caminho para a poesia moderna.

Como afirma Bosi (1973), o ceticismo da poesia de Augusto dos Anjos se centra fundamentalmente em dois aspectos na dimensão cósmica e na angústia moral. Quanto a primeira, diz que Augusto dos Anjos centrava de modo obsedante, no ser humano, todas as energias do universo que se teriam, portanto, encaminhado para a construção desse mistério, que é o eu. O materialismo evolucionista de Haeckel parece encontrar em alguns poemas dele presença marcante com temas científicista. A presença influente de uma visão existencial do alto pessimismo romântico de Arthur Schopenhauer, que identifica na vontade de viver a raiz de

todas dores e de todos os males. E temos no poema "O Meu Nirvana" uma citação direta a Schopenhauer na segunda estrofe, vejamos:

*O Meu Nirvana  
[...] Nessa manumissão schopenhauereana  
Onde a vida do humano aspecto fero  
Se desarraiga, eu, feito forca, impero  
Na imanência da idéia soberana!*

À medida que, entramos no mundo sombrio de Augusto dos Anjos vemos uma desumanização da arte através de seus poemas que falam de coisas e matérias em decomposição e ficamos com a sensação de que a sociedade poderia ter agido com ele de forma diferente, mas também sabemos que tudo que aí está faz parte do processo histórico de uma época que não estava preparada para compreender tantas mudanças, uma vez que, a literatura apenas existia para satisfazer uma classe que queria ler aquilo que lhe trazia diante dos olhos deleite e não estranhamento como os poemas de um paraibano que estava ali para levar à sociedade as angústias e dores de uma sociedade pronta a explodir em guerra e sofrimentos advindos dos novos tempos.

Por fim, vamos ver as observações que Rosenfeld – 1969- desenvolve com rigor em seu sintético , porém denso ensaio, *A costela de Prata de Augusto dos Anjos*. Logo em suas considerações iniciais do crítico sobre a poesia são bastante originais e inquietantes:

*Ao ler-se os poemas de Augusto dos Anjos, que de imediato chama a atenção e naturalmente a sedução dir-se-ia erótica que sobre ele exercem os termos científicos. Termos de certa forma exóticos (ainda que não se trate, no contexto da língua portuguesa, propriamente de estrangeirismo), de modo que se pode falar, usando uma expressão de Theodor Wesengrund Adorno, de uma espécie de exogamia lingüística. (ROSENFELD, 1969, p. 259)*

É importante discutir aqui, o que foi para Augusto dos Anjos, segundo Rosenfeld esta "sedução" dos termos científicos usados para compor sua poesia. Ele através destes termos

compôs uma nova forma de fazer poesia que não se encaixava aos padrões de sua época literária. E, portanto, não era vista com bons olhos pelos leitores e críticos contemporâneos.

Como Bosi e Proença, Rosenfeld destaca a marca baudelaireana na articulação do feio, do horroroso, nas imagens de miasmas e podridão, do verme, do necrotério, do grotesco, tanto na exótica combinação de rimas esdrúxulas, quanto no presumível impacto de rimas paradoxais. Como exemplo de rimas estranhas ele cita a rima entre as palavras Apostema e Iracema. Entre termos paradoxais ele coloca o lírico e o científico. E também aponta as influências de Schopenhauer como a mais marcante que as de Spencer e Haeckel.

Rosenfeld aponta de maneira peculiar as transgressões poéticas como uma oposição à literatura em vigor:

*Essa poesia sadomasoquista lança desafio do radicalmente feio a face do pacato burguês desmascarando, pela deformação hedionda, a superfície harmônica e açucarada de um mundo intimamente podre. Não só o ser humano, também a palavra e a metáfora tradicionais desintegram-se ante o impacto dessa poesia. Surge, ao lado da montagem do termo técnico no contexto da língua tradicional – dissolução pelo lingüisticamente heterogêneo – uma metafórica grotesca, maquinista, que opera com o incoerente. No mundo de Augusto dos Anjos, mundo em que o verme é operário das ruínas e em que o próprio ar desagrega, o luar já não é dos namorados, visto ser da cor de um doente de icterícia; a lua, 'paralelepípedo quebrado', e cercada de astros que reduzem os céus, a epiderme de sarampo'. [ROSENFELD, 1969, P. 261]*

O que podemos observar ao longo desta pesquisa é que os autores se colocam de forma muito parecida ao retratar a figura do poeta Augusto dos Anjos. Sua poesia trouxe grandes mudanças no pensar literário e com isso nós ganhamos muito pois, graças aos seus esforços em tentar mostrar pro mundo que os tempos eram outros podemos hoje entender o que foi para este escritor sufocar sua dor e transformá-la em poesia.

Para tanto, queremos deixar claro que não se esgotam as possibilidades de se falar de um poeta tão especial que nos traz à nossa consciência reflexões tão importantes que talvez quem não o lê não compreenda a sua verdadeira importância não só para literatura brasileira

como para a literatura universal. Não podemos deixar que as portas deste conhecimento se fechem ao esquecimento. É importante salientar que, nesta primeira década do século XXI ainda vivemos as mesmas incertezas e angústias de não sabermos como lidar com tantas tragédias que nos cercam. Somos seres humanos e em qualquer tempo vamos viver as incertezas da vida, pois temos consciência da morte, mas não a aceitamos como um processo da vida, que tem de findar para gerar outros tipos de vida, afinal ninguém é eterno, a não ser o que se eterniza pela poesia.

Para concluir, vemos na poesia de Augusto dos Anjos muitas angústias muito sofrimento e muito pouco sobre Deus, mas ele coloca em seu poema "A um Carneiro Morto" e "A meu pai doente" uma forte presença de sua fé na imortalidade da alma. Veja:

[...]  
*Oh! Tu que no perdão simbolizo,  
 Se fosse Deus, no dia de juízo,  
 Talvez perdoasse os que te mataram. [...]* [A um Carneiro Morto]  
 [...]  
*- Seria a mão de Deus? Mas Deus em fim  
 É bom, e justo, e sendo justo, Deus,  
 Deus não havia de magoar-te assim.[...]"* [A Meu Pai Doente]

O que percebemos é que, por mais que Augusto dos Anjos não coloque de todo a presença de Deus em seus poemas ele a quer por perto de alguma forma, mesmo que sua formação intelectual seja cética ele não perdeu a raiz do cristianismo. E ainda assim, como forma de conforto para suas dores e males que ele não soube lidar e superar. As suas neuroses e dúvidas sobre o desgaste do humano findaram quando ele nos deixou, porém ele nos deu um caminho para ser trilhado e que, por mais que conheçamos a vida ainda assim ela é ainda um grande mistério.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A poesia de Augusto dos Anjos, ainda hoje é pouco apreciada pelos leitores. Talvez pela pouca informação sobre o estilo, as linhas filosóficas e pelo seu impacto que assusta um leitor que está acostumado a leituras menos chocantes. Mas queremos ressaltar que ao longo deste estudo sobre a vida e obra deste autor confessamos que nos deixou de alma lavada, pois desde o momento que resolvemos escrever algo sobre ele encontramos obstáculos, inclusive falta de interesse por parte de alguns orientadores, pois quase ninguém conhece a poesia de Augusto dos Anjos através de estudos mais aprofundados, apenas leram alguma poesia em livros didáticos. Mas com muita pesquisa na internet e em alguns livros pudemos colocar em prática este trabalho.

Sabemos que o assunto não se esgota, pois falar de emoções que envolvem o ser humano é muito complexo. Quando propusemos escrever sobre Augusto dos Anjos não queríamos simplesmente analisar sua obra, mas conhecê-lo por inteiro ler sobre ele, entender as razões de ser conhecido como “poeta do mau gosto”.

E muito se tem a aprender com esse poeta que nos dá uma verdadeira lição de viver. Podemos simplesmente passar pela vida sem ao menos ler um poema dele, mas com certeza não passaremos pela vida sem sentir uma angústia ou uma dor.

E este singelo estudo sobre este extraordinário poeta foi para mostrar que muito pouco se fala em Augusto dos Anjos e que a falta de material de qualidade para uma boa pesquisa dispersa um trabalho que poderia ter sido melhor se houvesse material disponível.

A finalidade deste trabalho é trazer para a luz da sociedade a sombra que é necessária, mas que nem sequer é notada.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANJOS, Augusto dos. Obra Completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

\_\_\_\_\_. 1884-1914. Eu e Outras Poesias/ Augusto dos Anjos. 4ª ed. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira 1997.

\_\_\_\_\_. Antologia Poética. Estudos e notas de Ivan Cavalcanti Proença, Rio de Janeiro: Ediouro; São Paulo Publifolha, 1997.

BOSI, Alfredo. O pré - modernismo, 4ª. edição. São Paulo, Cultrix, 1973.

\_\_\_\_\_. Historia concisa da Literatura Brasileira, 3ª edição, 17ª tiragem. São Paulo, Cultrix.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. Para Além do Bem e do Mal, 1886.

ORTEGA Y GASSET, José. A Desumanização da Arte, 1924.

PAZ, Octavio. O Arco e a Lira. Tradução de Olga Savary. Editora Nova Fronteira.

ROSENFELD, Anatol. Texto e Contexto. São Paulo, Perspectiva, 1969.

SCHOPENHAUER, Arthur. O Mundo Como Vontade e Representação. 3ª. edição, São Paulo Brasil Editora, 1963.